

Quartel Velho...Quartel Novo...

Novo Quartel...

Era noite fria e escura. Estávamos em Dezembro. O Natal aproximava-se. O cheiro da lenha de azinho a queimar nas lareiras dos lavradores, penetrava pelas minhas narinas, enquanto caminhava debaixo do sobretudo do meu Pai.

Ver não via nada. Apenas os paralelos da estrada reluziam à fraca luz da via pública.

Era tarde. Mais de meia noite. Tinha sono, mas caminhava mecanicamente, acertando os meus passos, pelos cadenciados passos dos meus pais.

Sentia-me aconchegado pelo calor da ilharga do meu Pai. Caminhar encostado a ele, fazia-me sentir seguro. A sua mão, por dentro do bolso do sobretudo, amparava a minha cabeça desarticulada pelo sono.

Tínhamos ido visitar uma amiga da minha mãe. A senhora D^a Elvira Teixeira. A visita demorara muito. O caminho era longo para as minhas pequenitas pernas e a cada passo, mais o sono me consumia.

Espreitei por entre os dois botões do sobretudo. Estávamos a passar em frente do Quartel dos Bombeiros. Lá dentro grande azáfama.

Fazia frio meu Deus. Os Bombeiros chegavam de um incêndio, lá para os lados da Torreira.

Homens meio vestidos, meios nus. Ensopados até à espinha, pela água projectada pelas agulhetas.

O senhor Alberto Vidal tinha conduzido o Fargo, de 3 bancos e 11 lugares, quando não levava mais. A sua figura esguia, quase toda absorvida pelo casaco de cabedal preto que vestia, deixava transparecer todo o cansaço daquele homem.

Reconheceu-nos e saudou-nos. Alberto Vidal, além de vizinho, era amigo de infância dos meus Pais, e morava de frente ao Quartel dos Bombeiros.

O meu Pai falou-lhe. Lembro-me que o senhor Vidal lhe havia dito que o incêndio tinha destruído várias barracas dos já pobres pescadores da praia da Torreira. Uma grande desgraça. Pois tinham perdido todos os seus haveres.

Finalmente chegámos a casa. A merecida cama esperava por mim. Também a botija com água quente, que antes de sairmos a minha mãe a tinha lá colocado, e por mim aguardava.

Os anos passaram-se rapidamente. É sábado. A crónica de futebol de Joaquim Lança Moreira faz-se ouvir na rádio. Meu Pai atentamente ouve o que eles dizem.

Eu ouvia também, mas gostava mais de ouvir o Artur Baeta. Mas nem por isso, em miúdo, gostava de futebol.

A minha Mãe fazia serão. Malha atrás de malha, a obra ia aparecendo.

Quantas e quantas noites de serão não foram passadas assim. Terminou a análise desportiva. Com ela iniciou-se o serão do meu Pai, escrita e mais escrita para durar.

Está na hora. Começo a preparar o ambiente para dar uma fugida até ao Quartel dos Bombeiros. Sim, porque achado e perdido era ali que me encontrava sempre.

Tinha medo da ambulância grande, a “Studbaker”. Receava também, quando passava junto aos estrados, onde os caixões com os mortos eram colocados em cima das viaturas durante os funerais.

Tinha profundo respeito e medo, por todos aqueles objectos relacionados com a morte.

Mas o Quartel, os Bombeiros e os seus materiais faziam parte de mim próprio. Tudo. Mas aquele carro, o “FARGO” de 1939, era a minha paixão.

Sentar-me naquele enorme banco, carregar na embraiagem e rodar o volante, era uma tentação de todos os dias. Tinha que me sentar lá, nem que fosse um só bocadinho.

Um dia, tinha que guiar aquele carro. Mas guiar a sério. Andar mesmo na rua com ele.

Mais tarde, a pensar nisso, tiraria a carta de pesados, só para o poder conduzir. Mas esse dia ainda não chegou. O FARGO ainda lá está e anda.

Ainda não chegou o dia de guiar o FARGO, à-vontade e em plena estrada.



Inevitavelmente cresci como todas as outras crianças.

Também o património dos Bombeiros cresceu, com a ajuda duns quantos Benfeitores Anónimos e de um punhado de Voluntários, homens de boa vontade e grande generosidade, sempre prontos a dar o seu melhor, igualmente, fizeram crescer esse património.

O Novo e actual Quartel seria uma realidade.

De peditório em peditório, de *“massacre” em “massacre”*, o Bom Povo dos Concelhos de Estarreja e Murtosa, nunca disseram não, quando mais um sacrifício lhes era pedido às já suas magras algibeiras, e *pedra sobre pedra*, a obra começara, e que hoje é *grande*, mas simultaneamente *pequena...*

Outra vai-se-lhe já seguir... Os tempos não perdoam...

São duas da madrugada. A sirene, encastrada entre a casa do meu avô Albano e do Manuel Torreão, toca e não há maneira de parar.

O meu querido e saudoso avô Albano Nunes, disse-me: rapaz, mete a cabeça debaixo dos cobertores, porque o estuque do tecto vai cair em cima de nós. E caiu.

A minha reacção não se fez esperar. Afastei os cobertores e todo o estuque, e vai daí, dei uma espreitadela à janela, ali mesmo ao lado da sirene.

O FARGO faz-se ouvir. O Zé Tarrinca, *vinha à roda*, em camisa interior e cuecas, de capacete enterrado até às orelhas, que nem deu pelo frio.

O cheiro a queimado da correia da ventoinha do FARGO, exalava por debaixo do painel dos instrumentos da viatura, pois o saudoso Zé Nordeste não deixou de apertar a *manette* de fricção que, da correia da ventoinha tirava movimento, para fazer rodar a sirene.

O Horácio “Azar” praguejou durante todo o caminho. Estava descalço; alguém tinha ido ao seu cacifo e lhe havia “fanado” as botas. Cá para mim foi o Zé Colão, diziam alguns da malta.

Entretanto, no local do quadro da sirene, colocada na fachada da casa do meu avô, chegavam também dois soldados da GNR, o senhor António Valente, a senhora D^a Adelaide, alguns curiosos e dois “*ilustres desconhecidos*”, que por sinal haviam tocado a sirene *só para ver como era*.

Enquanto se indagava onde era o sinistro, o chefe “Mica”, que se apercebera logo que o toque da sirene tinha sido “*manobra*” dos ilustres desconhecidos, que viviam na nossa vila, encontrando-se a estagiar no Amoníaco Português, foi dizendo aos guardas Monteiro e Teixeira, que estava tudo bem, e que os rapazes, coitados só tinham ligado a sirene que era *para ver como era...*

E com isto, os soldados da GNR lá se foram.

Filipe Nordeste entretanto aproximara-se de um dos ilustres *tocadores de sirenes*, e *sem querer pisou – lhe o pé*.

O Homem gritou. Coitado. Afinal quem tinha tirado as botas ao “Azar”, tinha sido o Filipe Nordeste e não o Zé Colão.

Outros sem querer, também pisaram os rapazes.

Desculpa Zé Colão, onde quer que estejas. Possivelmente, “*lá em cima*”, tu o Chefe Mica, o Zé Nordeste, o Irmão e o Manel Tarrinca, e outros que nessa noite chuvosa de Inverno, iam no FARGO e acorreram ao rebate falso.

Se não te pediram desculpa, hoje, dia do Congresso dos Bombeiros em Torres Vedras, eu por eles, o fiz.

Alguns dos que estão a ler este pequeno escrito, possivelmente nem se aperceberam quantas noites de insónia e cansaço, e duplo esforço requerido, para além do profissional, que foi pedido aos Voluntários, e ao “grupo anónimo de miúdos”, que com eles se “*esgatanharam*”, nas festas do São Paio da Torreira, e nas inúmeras operações stop que se realizaram, para angariação de receitas, com vista à construção do Novo Quartel.

Ali, como em muitos outros Quartéis, por esse país fora, como não há quartéis simultaneamente *Grandes* e simultaneamente *Pequenos*, o FARGO era separado da STUDBAKER por um pneu, para não esmurrar os pára-choques.

Quantas horas, permaneci no “*meu*” Quartel, das Rua das Amoreiras, e aí recordar quão pesada era a embraiagem do FARGO e quão difícil era a gincana que era preciso fazer, para que a água que caía do tecto, da sede do Clube Desportivo de Estarreja, não nos molhasse.

A sirene voltaria a tocar sem cessar. Desta vez calou-se sozinha, acabando por se desintegrar e espalhar estilhaços do rotor e da sua caixa, por cima de quase todos os telhados da praça Francisco Barbosa.

Comprou-se outra. Mas ninguém ouvia em suas casas o seu silvo irritante. Ficámos com duas; mas mesmo assim a rapaziada, não as ouvia.

Com os pedaços encontrados da velha sirene, reconstruiu-se por outra similar.

Agora sim. É o som da chamada. O som da aflição, do sacrifício, da desgraça e do infortúnio, que se voltava a ouvir.

Recordo-me, que outros incautos tocariam a sirene sem razão para tal, mas também aí, alguém havia no Quartel, calçado por engano as botas de outrem.

O grande dia da inauguração chegaria. Só as portas do quartel não abriam automaticamente como eu ouvira prometer ao inesquecível João Correia, prestimoso quarteleiro.

Espero que as portas do próximo, façam cumprir a promessa de então.

Como prenda, a Direcção e o Comando, permitiu que na primeira noite, já no Novo Quartel, que “*os miúdos*”, como estímulo do seu trabalho dormissem nas camaratas, destinadas aos nossos Voluntários.

Foi uma sensação indescritível. Dormir no Quartel. Coisa nunca vista. Bem haja Comandante e Direcção.

A festa foi um sucesso.

Mas a festa não termina aqui. O simulacro de incêndio projectado e concretizado nos Paços do Concelho, perante uma multidão já mais vista na praça Francisco Barbosa, decorreu com uma eficiência, nunca antes igualada.

Prova disso forma os comentários tecidos pelas corporações de Bombeiros presentes e convidadas para o evento.

Isto não é um desafio. É apenas a transmissão de um sentimento.

Ser voluntário é passar por tudo isto.

Tudo aqui narrado no passado, são coisas de verdade. Algumas serão ou não.

Lamento se forem ficção.

Esta pequena história, dedicada à aos Bombeiros da minha terra, onde perdido e achado foi no seio onde deles passei a minha infância...

Aqueles Voluntários que evoquei, e que já não se encontram entre nós, vai o meu respeito, a minha admiração. Rendo-lhes a homenagem que merecem.